

AMÉRICA LATINA

O martírio dos deportados mexicanos

Mexicanos que emigraram para os EUA e retornam ao país natal não recebem qualquer apoio do governo. Se programa de proteção dos "dreamers" acabar, situação poderá se tornar caótica.



Mexicanos deportados chegam ao aeroporto internacional Benito Juárez, na Cidade do México

De operária de fábrica ilegal nos Estados Unidos a fundadora de uma *startup* na Cidade do México: à primeira vista, a carreira profissional de Ana Laura López, de 42 anos, parece ser uma história de sucesso bastante comum.

Todas as semanas, ela recebe repatriados mexicanos vindos do norte no café que acaba de inaugurar, bem próximo ao aeroporto Benito Juárez. López é gestora da organização de autoajuda Deportados unidos en la lucha (Deportados unidos na luta) e, com outros repatriados, opera a gráfica Deportados Brand, na qual são produzidas camisetas – muito procuradas – com estampas anti-Trump.

Leia também: [Trump propõe legalizar 1,8 milhão de "dreamers"](#)

Leia também: [Opinião: Decisão de Trump sobre jovens imigrantes é vergonhosa](#)

Só que López não retornou de livre vontade. Ela foi deportada depois de 15 anos nos Estados Unidos e teve que recomeçar do nada a vida em seu país de origem. A empresária foi bem-sucedida, mas histórias de sucesso como a dela poderão se tornar exceção num futuro próximo, pois o México está completamente sobrecarregado com a reintegração dos repatriados.



A loja de serigrafia "Deportados Brand" produz camisetas com estampas anti-Trump

Deportados e recusados

A situação poderá se tornar caótica se o programa para a proteção dos chamados *dreamers* (jovens imigrantes ilegais levados para os EUA quando crianças) realmente expirar em 5 de março, pois não há um programa nacional de reintegração na sociedade mexicana para centenas de milhares de repatriados.

"Não dá para perdoar o governo mexicano por fazer tão pouco por aqueles que retornam ao país", afirma Luicy Pedrosa, pesquisadora sobre imigração no Instituto Giga para a América Latina, com sede em Hamburgo. Segundo ela, o assunto não é novo, já que, desde 2008, cerca de 300 mil mexicanos são deportados anualmente.

Pobreza no próprio país

"Um motivo pelo qual o Estado faz tão pouco pelos repatriados é a pobreza", suspeita Pedrosa. "Não se pode dizer aos 40 milhões de mexicanos que vivem abaixo da linha da pobreza que 'agora vamos fazer mais por aqueles que voltam ao país e nada mais por vocês'", explica.



A empresária Ana Laura López: muito pouco apoio para os repatriados

O apoio aos repatriados mexicanos se restringe a estandes adicionais de informação em aeroportos e terminais rodoviários, onde aqueles que chegam podem esclarecer as primeiras dúvidas organizacionais. Além disso, há programas que preveem apoio financeiro para continuar a viagem para a cidade de origem, bem como um primeiro provisionamento com comida e bebida.

"Isso não é reintegração", diz Pedrosa. Ela afirma que especialmente os *dreamers* sofrem com a discriminação no seu novo lar – que, apesar da origem, lhes é distante. "Eles falam inglês perfeitamente, mas não falam espanhol tão bem. Como não possuem contatos sociais, de amizade ou familiares no México, não se sentem em casa", descreve.

Mão de obra especializada

Há um ano, o Senado mexicano aprovou a chamada "Iniciativa Monarca", voltada especialmente aos *dreamers*. O nome foi inspirado numa borboleta ameaçada de extinção no México e que, anualmente, voa de volta ao país a partir do Canadá. Um objetivo da iniciativa: reforçar o atendimento a migrantes de formação profissional sólida nos consulados mexicanos nos Estados Unidos, avaliando assim as chances que eles têm no mercado de trabalho mexicano.

Mas, durante um evento de informação do consulado mexicano de Los Angeles, ficou claro que o que falta, na realidade, é apoio de base: os migrantes mexicanos pediram menos burocracia, taxas consulares mais baixas para a emissão dos documentos necessários, apoio jurídico e mais facilidade na viagem e no transporte de retorno ao México.

"Realmente, há muito pouco apoio para os repatriados", confirma López, que foi deportada no dia 30 de setembro de 2016. "Os que voltam precisam de um plano de saúde, um abrigo e ajuda para criar uma empresa, por exemplo", relata.



Deportado mexicano (d) recebe orientação no aeroporto da Cidade do México

O exemplo da Cidade do México

López teve suas necessidades atendidas porque procurou a ajuda de Amalia García Medina. A Secretária do Trabalho do governo regional da Cidade do México é uma das políticas de esquerda mais conhecidas do país e apoia os deportados com contatos, programas de treinamento e pequenas ajudas financeiras.

Mas apenas 500 repatriados participam do programa de Medina – um número ínfimo se comparado aos 300 mil mexicanos que voltam ao país anualmente. A secretaria tem 16 escritórios na capital mexicana, com um orçamento que, segundo a imprensa local, totaliza cerca de 550 milhões de pesos mexicanos (86 milhões de reais).

"É muito difícil voltar e encontrar um país que, infelizmente, pouco mudou", disse López à rede de TV Bloomberg do México. "De uma hora para outra, pequenas coisas que se acreditava serem óbvias desaparecem: uma cama, uma xícara de café, uma geladeira ou um travesseiro."

Mas o que mais a faz sofrer é a distância dos filhos. "É cruel como as famílias são dilaceradas", constata. Para ela, o único consolo é que os deportados ao México se unem e tentam tomar as rédeas do próprio destino. "Lutamos para que o México se torne um país do qual as pessoas não tenham mais que emigrar", diz López.



FILMES SOBRE A FRONTEIRA ENTRE EUA E MÉXICO

John Wayne em guerra

Em meados do século 19, EUA e México entraram em guerra sobre o estado do Texas, que pertencia aos mexicanos, mas foi anexado pelos americanos. A longa disputa foi muitas vezes retratada por Hollywood nos faroestes que detalhavam os violentos conflitos entre colonos americanos e o Exército mexicano. Entre os mais espetaculares está "Álamo" (1960), estrelado por John Wayne e Richard Widmark.

[LEIA MAIS](#)

Trump propõe legalizar 1,8 milhão de "dreamers"

Em troca, presidente americano pede ao Congresso liberação de 25 bilhões de dólares para reforçar segurança fronteiriça. Parte do dinheiro será investido na construção do muro na fronteira com o México. (26.01.2018)

Juiz dos EUA bloqueia fim de programa para jovens imigrantes

Magistrado da Califórnia classifica de "arbitrária" decisão de Trump de acabar com o Daca e ordena reativação parcial. Programa foi promulgado em 2012 por Obama para proteger milhares de jovens deportação. (10.01.2018)

Trump condiciona proteção de "dreamers" a financiamento de muro

Presidente americano divulga exigências para política migratória que devem servir de base para negociar estatuto de jovens imigrantes ilegais. Lista inclui financiamento e construção de muro na fronteira com o México. (09.10.2017)

Opinião: Decisão de Trump sobre jovens imigrantes é vergonhosa

Acabar com programa que protegia centenas de milhares da deportação é ato mesquinho e, ao mesmo tempo, serve para afastar esperança de que Trump um dia amadurecerá no cargo de presidente, opina Michael Knigge. (06.09.2017)

Filmes sobre a fronteira entre EUA e México

Desde que Donald Trump prometeu construir o muro, a fronteira entre EUA e México está no centro das atenções. Antes mesmo dele vencer as eleições, esta fronteira foi foco de filmes espetaculares. Veja a lista. (09.06.2017)

Data 05.02.2018

Autoria Astrid Prange (rk)

Palavras-chave [México](#), [Donald Trump](#), [dreamers](#), [imigração](#)

Compartilhar [Enviar](#) [Facebook](#) [Twitter](#) [google+](#) [Mais](#)

Feedback : [Envie seu comentário!](#)

Imprimir [Imprimir a página](#)

Link permanente <http://p.dw.com/p/2s8mG>
